

Em sua 14ª edição, a *Opiniões* – Revista dos alunos de literatura brasileira (USP) – aborda o tema da tragédia e das manifestações do trágico na literatura brasileira dos seus começos à contemporaneidade. Justificou-se a chamada pela reflexão sempre ativa de que o trágico e a tragédia, desde a Grécia Clássica, foram se reinventando como gênero, filosofia, *leitmotiv*. Afinal, o tema da tragédia e do trágico tem sido pensado por teóricos, mas também tem sido tônica de um sentimento que não nos é estranho, em tempos difíceis, de que nos confrontam instâncias superiores, às quais estamos submetidos, e circunstâncias que não podemos controlar. A tragédia - e seus derivativos, como catástrofe -, nomeiam também nosso sentimento diante de acontecimentos funestos, mas ainda assim comuns como o cotidiano.

A imagem de capa desta edição, produzida pelo artista gráfico Rodrigo Del Bem, inspira-se no suplício de Penteu, cantado por Eurípedes, “o mais trágico de todos os poetas” (Aristóteles, *Poética*, XIII, 1453 a), n’*As bacantes*. Como punição pelos seus impropérios dirigidos ao deus Dioniso, a cena ilustrada revela Penteu sendo dilacerado pelas mênades furiosas, entre elas a sua própria mãe, Agave. Conforme a tradução de Jaa Torrano (1995, p. 109-111):

Primeiro a mãe sacerdotisa inicia a [matança e ataca-o. Ele tira a mitra da cabeça para reconhecê-lo e não massacrá-lo a triste Agave. Ele toca-lhe a face

‘Penteu, pariste-me no palácio de Equíon, tem-me piedade, ó mãe, e pelos meus ‘desacertos, não massacres o teu filho!’

Ela escumava saliva e girava pupilas reviradas, não sabia o devido saber, possessa de Baco, e não a persuadia. Ela agarra com as mãos o braço esquerdo ao ir ante os flancos do de mau Nume, e arranca-lhe o ombro, não por força, mas o Deus lhe dava facilidade às mãos. Ino pelo outro lado contemplava a ação rasgando carnes, Autônoe e todo o bando de Bacas atacava, o grito era uníssono: ele a gemer quanto calhava ter fôlego, elas a alaridear. Uma trazia um braço, costelas por lacerações. Mãos sangrentas, todas jogavam bola com a carne de Penteu (*Bacas*, v. 1114-1136).

Ou, ainda, na tradução realizada por Trajano Vieira (2003, p. 107-108):

Sacerdotisa da matança, a mãe o ataque principia. Tirando a mitra pois se o reconhecera, não matava-o a desditosa Agave -, diz, e toca-lhe a face: ‘Mãe, sou eu, Penteu, teu filho, geraste-me no paço com o Ofídio-Equíon. Deixa eu viver! Por erros meus, não imoles a mim, que sou teu filho!’ Ela espuma e espirala, contorcendo, pupilas, ignorando o que ignorar não deveria: dionísia, não o ouvia. Agarra-o firme pelo braço esquerdo e, impondo os pés no flanco do infeliz, sem mais esforço, seu úmero arrancou -

facilidades às mãos o deus lhe dera.
Ino labora do outro lado, rompe
a carne. Autônoe, todo o bando báquico
acomete em unísono clamor.
Urrava enquanto a vida lhe soprou;
ululavam. Alguém portava um braço,
outra, com bota, os pés. Costelas nuas
por dilaceração. Sangue nas mãos,
a carne dele jogam feito bola. (As
Bacantes, v. 1114-1136).

Dioniso revela-se em meio ao delírio, ao êxtase e à embriaguez e, simultaneamente, fomenta a selvageria e a carnificina - tal como é manifestado em *As Bacantes* na truculência com a qual ocorre o esfacelamento dos membros de Penteu -, de sorte que resguarda em si a marca de uma indelével dualidade. Afinal, como pontua Walter Otto (1969, p. 85), Dioniso é “le dieu de la contradiction tragique”. Albin Lesky, em seu importante estudo *A tragédia grega* (1938), discorre sobre as origens da tragédia e a problemática em torno do trágico. Segundo o autor, o surgimento da tragédia deve-se a Dionísio e às formas orgiásticas do seu culto. Ele é o deus do vinho, da loucura, da paixão, da hýbris e do trágico, por excelência. O elemento trágico, por sua vez, engendra-se quando o ser humano é tomado por violentos arrebatamentos de tudo aquilo que o conduz a cometer excessos, desnudando as forças obscuras e aniquiladoras da vida. Nesse sentido, o presente dossiê conta com reflexões em torno da condição humana e do seu caráter inexoravelmente enigmático e contraditório por meio de um profícuo

diálogo com as mais diversas obras de arte.

Pensar o tema do trágico na literatura brasileira, hoje, é pensar, justamente, nas possibilidades de reintegração do tema no curso da formação de nossa própria literatura. Presente na literatura brasileira desde as tragédias de Gonçalves de Magalhães até as *Tragédias cariocas*, de Nelson Rodrigues, para dar alguns exemplos, o trágico transita ora entre concepções estéticas e poéticas, materializado como gênero – a tragédia –, ora como um princípio ontológico, antropológico, de interpretação histórica, na medida em que evoca o destino humano em meio aos confrontos entre o desejo e o dever, a liberdade e a necessidade, a insubmissão e a subordinação a instâncias superiores e normas morais, a insolubilidade e a resolução dos conflitos, beirando por vezes o absurdo e efetuando diálogos profícuos com o cômico e com seus sentidos usuais, cotidianos.

Foi pensando na amplitude desses conceitos e em sua revalidação pelos estudos contemporâneos sobre a tragédia, em particular para o campo de estudos da literatura brasileira, que esta décima quarta edição da *Opiniões* foi elaborada.

Na seção **Rubricas em torno da tragédia e do trágico**, contamos com seis ensaios de especialistas convidados para integrar a presente edição. Jaa Torrano, em “A máquina trágica de pensar política”, estuda o sentido político de tragédia na Atenas clássica, a partir de reflexões sobre imagens míticas e os sentidos de justiça. Trajano Vieira, em “Considerações sobre o trágico e sobre tradução poética”, com base na sua larga experiência na tradução de textos clássicos e tragédias, disserta sobre a tradução de uma linguagem estética, ao

mesmo tempo que fornece conselhos valiosos para os jovens tradutores. Elen de Medeiros, em “Desalento no riso: a perspectiva trágica no teatro de Nelson Rodrigues”, reflete sobre as possibilidades de ressurgimento do trágico no teatro moderno brasileiro, pelas releituras do herói clássico efetuadas por Nelson Rodrigues nas peças que o dramaturgo subintitula “tragédias”. Wagner Corsino Enedino, em “Pequeno compêndio da tragédia brasileira contemporânea: a eterna navalha em nossa carne”, revela o quadro geral da ruptura com a poética aristotélica existente no teatro moderno brasileiro, efetuada em especial pelo dramaturgo Plínio Marcos. Maria Sílvia Betti, em “Oduvaldo Vianna Filho e a tragédia”, salienta o papel político da tragédia na obra e nas ideias desse dramaturgo, a partir da leitura de textos fundamentais de reflexão crítica que demonstram o cunho dialético e historicizado de suas concepções teatrais. Antônio Máximo Ferraz, em “O trágico na modernidade literária brasileira: apontamentos para o diálogo com obras de Machado de Assis, João Guimarães Rosa e Osman Lins”, apresenta as ideias de tragicidade que aproximam esses escritores em termos de modernidade literária.

O **Dossiê: A tragédia e o trágico na literatura brasileira** é composto por cinco artigos, os quais se debruçam na investigação das questões que perfazem a tragédia e o trágico, iluminando novas interpretações acerca da prosa de ficção de escritores brasileiros. Em “Destinos sem grandeza: a trajetória trágica das mulheres em Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Evellin Naianna Souza

Oliveira Gomes e Flávia Aninger Barros discutem a tragicidade presente na dimensão social que é reservada às personagens femininas no romance de Machado de Assis. O artigo “A sublime alegria dionisíaca em Ópera dos mortos, de Autran Dourado”, de Cláudia Márcia Mafra de Sá, visa estudar a narrativa do autor mineiro, dialogando com os conceitos de apolíneo e dionisíaco, sob o prisma da filosofia nietzschiana. Renata Santos Rente analisa, em “‘Pro inferno do inconsciente’: dívida e culpa na configuração trágica do romance Essa Terra de Antônio Torres”, a configuração trágica do vivido pela personagem de Nelo a partir da experiência de migração, no contexto da formação nacional brasileira. Em “Aspectos trágicos de Lavoura arcaica”, Thiago Arnoult estuda a assimilação da tradição clássica e da filosofia do trágico no romance de Raduan Nassar. No artigo “São Bernardo: uma tragédia moderna na periferia capitalista”, Fernando Bustamante interpreta os elementos trágicos presentes no romance de Graciliano Ramos, sob a dinâmica da ordem capitalista, contando com o aporte teórico do conceito de tragédia na modernidade, formulado por Raymond Williams.

Na seção de **Tradução**, Fábio Roberto Lucas traduz para o português o estudo, em francês, de William Marx, professor recentemente eleito para a cadeira de Literaturas Comparadas do Collège de France. No ensaio “É possível conhecer a verdade sobre a tragédia grega?”, o professor indaga-se acerca da possibilidade de se recuperar a experiência operada pelas tragédias em Atenas no século V a. C., a saber, em sua própria época de existência.

A seção **Outras contemplações sobre a prosa e a poesia nacional** constitui-se de dez artigos de variadas perspectivas e leituras teórico-interpretativas acerca de títulos pertencentes à literatura brasileira, produzidos por autores desde os já consagrados da envergadura de José de Alencar, de Mário de Andrade, de Graciliano Ramos, de José J. Veiga e de Haroldo de Campos, até nomes da cena mais contemporânea, como: Age de Carvalho, Bernardo Kucinski, Ferréz, Lourenço Mutarelli e Michel Laub. Em “Reflexões iniciais sobre a paratopia criadora na obra ‘O Grifo de Abdera’ de Lourenço Mutarelli”, Vitória Ferreira Doretto debruça-se sobre a obra de Mutarelli, a partir do conceito de “Paratopia”, cunhado por Dominique Maingueneau, a fim de estudar as três instâncias de autoria - escritor, inscitor e pessoa - na obra. Diego Kauê Bautz, em “Os Contos de Ferréz, a Nova Literatura Marginal e o Rap”, volta o seu olhar para os contos de Ferréz dentro do universo da nova literatura marginal e do rap, discutindo o lugar de enunciação das produções periféricas no âmbito da literatura brasileira contemporânea. O artigo “Entre o Real e o Ficcional: Identidade e Conflito Intergeracional em Diário da Queda, de Michel Laub”, de Sileyr dos Santos Ribeiro, volta-se para o estudo das escritas de si na literatura brasileira contemporânea, a partir do conceito de autoficção no romance de Michel Laub, no qual os conflitos entre gerações, sob o contexto de Auschwitz, mediam a construção da identidade das personagens. No artigo “O diálogo dos derrotados: imagens dos guerrilheiros na obra de B. Kucinski”, Filipe Martins Santos Mercês interpreta a figura do guerrilheiro na obra de Bernardo Kucinski,

tendo como base os afastamentos e aproximações da memória hegemônica da sociedade no que diz respeito à oposição armada ao regime ditatorial brasileiro. Monalisa Medrado Bomfim, em “Haroldo de Campos e a poesia pós-utópica da agoridade”, estuda o ensaio Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico (1984), do poeta, crítico e tradutor paulista, tendo em vista o contexto do Estado repressivo pós-golpe de 1964, em diálogo com a sua própria poética. Em “Age de Carvalho e a Estrangeiridade na Composição Poética”, Mayara Ribeiro Guimarães e Leila Melo Coroa discutem a noção de estrangeiridade na obra do poeta paraense a partir da experiência de autoexílio expressa formalmente no seu fazer poético. Em “A hora dos ruminantes, de José J. Veiga: o mundo visto pelos olhos de Manaraima”, Flaviana Mesquita Amâncio estuda o romance do escritor nascido em Goiás, detendo-se especialmente em como as personagens reconfiguram a realidade em meio aos prenúncios da modernização, sob a ótica da nostalgia e do insólito. O artigo “A Liberdade nos Trópicos: Presença do existencialismo em Angústia, de Graciliano Ramos”, de Victor Leandro da Silva e Matheus Cascaes Lopes, propõe um diálogo entre a obra *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e a experiência existencialista apresentada no romance *A náusea* (1938), de Jean-Paul Sartre. Jean Pierre Chauvin propõe, em seu artigo “Uma agudeza Alencarina”, uma reflexão sobre as categorias de “sinceridade”, “espontaneidade” e “nacionalismo” ligadas à escola romântica brasileira, mediante a leitura de *O Guarani* (1857), de José de Alencar. Em “Linguagem, sexualidade e desrazão em ‘Atrás da catedral de Ruão’, de Mário de Andrade”, Simone Rodrigues Vianna Silva analisa o desvelamento da sexualidade pela linguagem a partir de uma leitura do conto “Atrás

da catedral de Ruão”, inserido em *Contos Novos* (1947), de Mário de Andrade, em diálogo com o conceito de desrazão, de Peter Pál Pelbart.

Em **Olhares do Brasil sobre a literatura estrangeira**, João Adolfo Hansen, em ensaio intitulado “Fragmentos de/sobre Samuel Beckett”, compartilha o seu profundo e amplo conhecimento a respeito da obra do escritor irlandês, sob várias miríades. Traduz a discussão de Beckett e do crítico de arte Georges Duthuit acerca de três artistas, bem como alguns poemas Beckett; interpreta três peças teatrais *Esperando Godot*, *Fim de partida*, *Dias felizes* e o romance *Malone morre*. Por fim, discorre em linhas precisas sobre a arte beckettiana, em seguida estabelece uma pequena biografia do escritor.

Na seção **Entrevista**, “Eu sou tocantinense que nasceu na Bahia: uma entrevista com a escritora Irma Galhardo” apresenta o instigante diálogo de Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro com a escritora e poeta tocantinense, Irma Galhardo.

A seção **Resenhas** dispõe de duas resenhas: uma de *Pai, Pai* (2017), de João Silvério Trevisan, resenhada por Gustavo Primo; outra de *O velocista* (2018), de Walter Cavalcanti Costa, resenhada por Vinicius Gomes Pascoal.

Na última seção, destinada à **Criação literária**, foram selecionados os textos inéditos “Água salgada”, de Juliana Maffei; excertos de *Memórias de avarias*, de Rafael Tahan; “Um canteiro

de flores para o túmulo de um revólver”, de Cristiane de Mesquita Alves; os poemas “Querem dizer-me as palavras tão-somente” e “Lamento”, de Luís Felipe Ferrari; e o conto “Os velhos pedem um terceiro ato”, de Adriano Portela.

Por fim, não podemos deixar de agradecer a todos que se envolveram neste processo longo e detalhista, no verdadeiro desafio que é organizar um dossiê em revista acadêmica. Nosso muito obrigada à comissão editorial da *Opiniões*, para a qual os sentidos de colaboração e companheirismo andam de mãos dadas com os de trabalho técnico e preciso; aos autores que submeteram textos a nosso processo editorial, contribuindo com suas reflexões com o presente e com o futuro da pesquisa científica no Brasil; aos pareceristas, que participaram de nosso processo duplo cego, avaliando os artigos submetidos a partir de seu conhecimento especializado; aos autores de textos literários, resenhas, tradução e entrevista. Agradecemos ainda aos professores convidados para a seção **Rubricas em torno da tragédia e do trágico** e **Olhares do Brasil sobre literatura estrangeira**, os quais gentilmente atenderam a nosso chamado para a escrita de ensaios voltados aos seus temas de pesquisa; a Rodrigo Del Bem, pela ilustração de capa, produzida especialmente para esta edição; ao SIBI-USP, no atendimento às questões técnicas; aos docentes do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira pelo apoio em todo o processo.

Aos nossos leitores, desejamos que as reflexões aqui presentes possam se alinhar e contribuir com a persistência da pesquisa brasileira.

Referências

EURÍPEDES. *Bacas*: o mito de Dioniso. Edição bilíngue. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: HUCITEC, 1995.

_____. *As bacantes de Eurípedes*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2003.

OTTO, Walter F. *Dionysos: le mythe et le culte*. Traduit de l'allemand par Patrick Lévy. Paris: Mercure de France, 1969.